

EMPODERAMENTO NEGRO FEMININO: A INFLUÊNCIA NA VESTIMENTA E NA ESTÉTICA DOS CABELOS

Black female empowerment: the influence on clothing and hair aesthetics

DA SILVA, Raquel Vieira; Discente; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, raquelwieira@gmail.com

GIOTTI, Josiane; Ma.; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, josiane.giotti@erechim.ifrs.edu.br

Resumo: O corpo negro feminino, desde a época da escravidão, continua carregando a marca da marginalização e inferioridade. Por muito tempo, a estética corporal inferiorizada foi submetida à padrões de beleza impostos por uma classe dominadora, a branca. O objetivo deste trabalho foi compreender e discutir a construção do empoderamento das mulheres negras, a partir da identidade expressa pela vestimenta e a estética dos cabelos. Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, e como método para a obtenção dos dados foram efetuadas entrevistas com mulheres que se reconhecem como negras, discentes de diversos cursos oferecidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Erechim. A partir dos resultados obtidos com as entrevistas, compreendeu-se a importância que os cabelos crespos naturais têm na formação de identidade das mulheres negras e também, a importâncias da utilização de elementos de Moda para a composição do empoderamento das discentes, como cores vibrante e adornos nos cabelos.

Palavras chave: Pesquisa qualitativa. Empoderamento negro feminino. Identidade expressa pela Moda. Estética dos cabelos.

Abstract: The female black body since the time of slavery continues to carry a mark of marginalization and inferiority. For a long time, inferior body aesthetics were subjected to beauty standards imposed by a dominant class, a white one. The aim of this paper was to understand and discuss the construction of the weakening of black women, based on the identity expressed by clothing and the aesthetics of their hair. In a research characterized as qualitative, and as a method for data analysis, interviews were conducted with women who recognize black women, students of various courses offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul - Campus Erechim. From the results obtained from the interviews, we understand the importance of curly hair having black women's identity formation and also the importance of using fashion elements for the composition of the student decoder, such as vibrant cores and hair adornments.

Keywords: Qualitative research. Black female empowerment. Identity expressed by Fashion. Aesthetics of the hair.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Brasil, os negros sempre foram muitos marginalizados e inferiorizados socialmente, sofrendo com a negação de um lugar de igualdade. O racismo criou meios de desvalorizar o negro, tanto pelo seu trabalho e até pelos padrões de beleza, que perpetuam até hoje. A estética e os traços negros incomodam a sociedade “embranchadora”, detentora de padrões dominantes, capitalistas e elitistas. Para este

trabalho foi utilizado o conceito de interseccionalidade¹, para auxiliar na discussão do corpo e do cabelo por meio do gênero e da raça, rompendo padrões de beleza impostos e cobrados, que socialmente são brancos (AGUIAR, 2011).

Segundo a visão do filósofo Lipovetsky (1989), o fenômeno chamado Moda é estereotipado na sociedade moderna como um universo cheio de *glamour*. Contudo, o que fica escondido nessa visão generalizada é o verdadeiro conceito da Moda, como ela interfere constantemente na construção da sociedade, a partir de suas regras e imposições. Com este trabalho, pretende-se alavancar o debate em torno da valorização da beleza e da estética negra, inicialmente fazendo uso da afirmação de Aguiar (2011) de que, cientificamente não existe definições de padrões de beleza.

Compreende-se que é possível reforçar as lutas feministas por meio da vestimenta e da estética dos cabelos, visto que, atualmente, ainda existem estigmas em relação ao cabelo crespo, sendo associado ao cabelo “ruim”, feio e fora dos padrões. Em contraponto a essa problemática, surgem iniciativas comandadas pela juventude negra, como o Movimento *Afropunk*, que aliado a estética e a militância pela igualdade racial, demonstram que o empoderamento feminino, permitindo a mulher negra a possibilidade de ter seus corpos livres (AGUIAR, 2011).

Este artigo tem como propósito compreender os mecanismos de empoderamento feminino como forma de enfraquecimento do racismo estrutural e valorização da cultura negra. O objetivo principal foi analisar como as mulheres negras são influenciadas por meio da Moda e da estética dos cabelos.

Esta pesquisa, foi construída por meio da Metodologia qualitativa. Como método para a coleta de dados foram realizadas entrevistas, utilizando questões abertas, com mulheres que são discentes de diferentes cursos, superiores e técnicos, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Erechim, às quais se reconhecem como negras. Como base para a descrição da Metodologia utilizou os autores Sampieri, Collado e Lucio (2013) e Marton (1986).

Para compor esta pesquisa, na fundamentação teórica, inicialmente para tratar de assuntos como a História da escravidão no Brasil, conceito de pretos e pardo, o colorismo e a “tese do embranquecimento” utilizou-se como aparato os textos de Vidal (2014), Figueira (2001), Mattoso (2003), Petruccelli (2007), Djokic (2015) Lacerda (2011 [1911]), Para contextualizar sobre feminismos negros e empoderamento da mulher negra foram utilizados autores como Aguiar (2011), Bivar (1982), Davis (2016), Hooks (1981) e Mattos (2015). No que se refere ao contexto da psicologia das cores contou-se com Heller (2012) e Guimarães

¹Segundo Mattos (2015) o conceito de interseccionalidade, inicialmente foi proposto por estudos feministas, que se propõem a compreender como diferentes categorias sociais se encontram inter-relacionadas produzindo desigualdade e injustiças.

(2004). Em relação ao contexto sobre Moda e Sociologia foram utilizados como base o filósofo Lipovetsky (1989) e o historiador da Moda, Braga (2004).

Este artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 2, trata-se da fundamentação teórica, na seção 3, de Metodologia. Dando sequência, na seção 4 são apresentados os resultados, e por fim, na seção 5 as considerações finais da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa é dividida nas subseções relacionadas à Discussão sobre a escravidão no Brasil; Conceitos de Pardo, Preto e Negro; Colorismo e Embranquecimento; Movimento Afropunk; Empoderamento negro feminino e a construção Simbólica por meio das cores.

2.1 Breve discussão sobre a escravidão no Brasil

A escravidão já acontecia na África muito antes de ocorrer no Brasil. Conforme Vidal (2014), escravizar era um hábito comum na sociedade, ato ocasionado tanto por fatores como a Guerra ou por batalhas de diferentes povos, em que os perdedores eram escravizados pelos vencedores. Diferente da África, a escravidão no Brasil se baseava pela etnia, em que os escravos eram escolhidos pela cor da sua pele.

Iniciado pelos portugueses, o tráfico negreiro se beneficiou de um sistema escravista interno da África, onde os próprios africanos, vendiam os perdedores de batalhas travadas em seus territórios. Desta forma, a escravidão se tornou algo muito lucrativo, tanto para alguns líderes africanos que escravizavam, quanto para os europeus que comercializavam os escravos (VIDAL, 2014).

As condições sub-humanas em que os escravos eram submetidos já são conhecidas. Eram obrigados a passar por todo tipo de exploração, sexual e doméstico, além da crueldade das punições que recebiam aqueles que tentavam a fuga. Por tanto, é necessário ressaltar que o escravo não era considerado uma pessoa e sim, um objeto, propriedade de seus senhores, vivendo em estado absoluto de servidão (FIGUEIRA, 2001).

Nesse sentido, Mattoso (2003) expõe que o escravo vivia em condições que lhe roubavam o ser que ele era em sua sociedade de origem e, o transforma em um indivíduo forçado à escravidão. Tal sofrimento perdurou no Brasil por mais de 300 anos. Ao final do século XIX vários movimentos abolicionistas começaram a surgir, a fim de cessar a escravidão.

Enfim, em 1888, a escravidão chegou ao seu final por meio da Lei Áurea. A partir do documento assinado pela Princesa Isabel houve centenas de escravos livres. Para muitos a vitória havia sido conquistada, para outros, a vida pós escravidão seria mais um desafio,

pois, o preconceito da sociedade em relação aos indivíduos de cor negra perdura na sociedade até os dias atuais (PINSKY, 2010).

2.2 Conceitos de Pardo, Preto e Negro

Nas pesquisas do Censo, feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são apresentadas relações entre as cinco nomenclaturas utilizadas para determinar a cor à qual cada indivíduo pertence. Segundo Petrucelli (2007), cada pessoa tem liberdade para dizer como classifica a sua cor. O autor explica que pretos geralmente são as pessoas que se enxergam com a cor mais escura. Mas em relação aos pardos, não há consenso. Geralmente são pessoas que se consideram como “morenas” ou “mulatas”, mas isso depende de cada região, afirma o autor.

O pesquisador expõe ainda que a compreensão em relação à sua cor depende muito da região do Brasil na qual o levantamento está sendo realizado. Nas regiões Sul e Sudeste, a população que se declara parda normalmente é de origem africana. Porém, no Norte, muitos pardos são, na verdade, descendentes de indígenas (PETRUCCELLI, 2007).

De acordo com Petrucelli (2007), a presença de pretos é menor no Brasil, comparado percentual de brancos na população, devido a isso, existe a tendência em reunir pardos e pretos em um grupo de negros. O pesquisador do IBGE afirma que, apenas para as pesquisas o termo não se aplica, mas que na convivência social é válido agrupar as duas nomenclaturas. Segundo a União de Negros pela Igualdade (Unegro, 2014), ocorre também a resistência em assumir a cor preta e muitos preferem ser incluídos na lista dos pardos, considerada uma cor intermediária, entre branco e negro. Ser negro é considerado uma identidade social de um povo, o que vai muito além da cor da pele, devido a isso, pesquisadores e ativistas defendem a utilização desse termo.

2.3 Colorismo e Embranquecimento

O colorismo ou a pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele, sendo muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada é a pele de um indivíduo, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer (DJOKIC, 2015).

Para Djokic (2015), ao contrário do racismo, que é conduzido pela identificação do indivíduo como pertencente a certa raça, e por meio disso discriminá-lo, o colorismo utiliza como referência somente a cor da pele da pessoa. Mesmo que o sujeito seja ou se reconheça como negro ou negra, a tonalidade de sua pele será decisiva para o tratamento e a aceitação que a sociedade dará a ele.

Apesar de se orientar pela cor da pele, o colorismo no Brasil apresenta uma peculiaridade: considera aspectos fenotípicos como cabelo crespo, nariz arredondado ou

largo e, lábios carnudos. Essas características são associadas à descendência africana, que também influenciam no processo de discriminação. Existe um fenótipo, conjunto de características físicas, considerado normalizado e o “ideal” no país: o europeu. De acordo com essa lógica, o fenótipo “ideal” é ser alto ou alta, ter a pele clara e os traços que remetem à “raça ariana” (DEVULSKY, 2018).

Para a lógica do colorismo, ter a pele mais clara e traços mais finos traz vantagens aos indivíduos, pois para a sociedade racista, as pessoas identificadas como negras não podem desfrutar dos mesmos direitos que uma pessoa branca. Assim, aos olhos da “branquitude”, os negros e negras podem ser “tolerados e toleradas” em “seu” meio. Esse é um aspecto muito importante no colorismo, em que a pessoa negra é “tolerada”, mas nunca será aceita (DJOKIC, 2015).

O colorismo funciona como um sistema em que aquele que possuir o tom de pele mais pigmentada sofre mais exclusão. O colorismo destaca um tipo de discriminação que enfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que lhe é dado em sociedade (HARRIS, 2008).

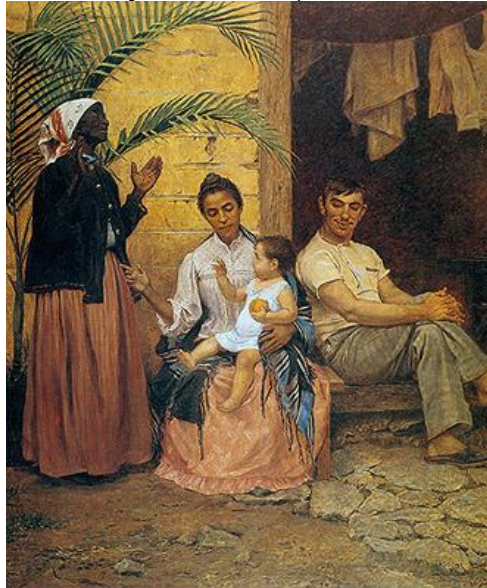
2.3.1 Eugenia e a tese do embranquecimento

A palavra “eugenia” foi criada por Francis Galton, em 1883, para desenvolver uma ciência do melhoramento biológico da raça humana (CASTAÑEDA, 2003). A teoria galtoniana procurava se basear em estudos estatísticos dos fenômenos hereditários que sustentava que o tamanho do corpo, inteligência, cor dos olhos e força muscular eram hereditários. Essa tese era a favor da ideia de que o homem branco europeu tinha a saúde melhor, mais beleza e maior aptidão e inteligência comparado às demais raças como a “amarela” (asiáticos), a “vermelha” (povos indígenas) e a negra (africana).

Neste período, alguns intelectuais brasileiros incorporaram essa tese e delas surgiram outras como a “tese do branqueamento”, que tinha o objetivo, por meio da miscigenação, de que os descendentes negros, no Brasil, ficariam mais brancos progressivamente a cada nova criança gerada em até um século (SANTOS, 2005).

A pintura de Brocos (1852-1936), apresentada na Figura 1, é um retrato de família em três gerações, marcado pelas distintas gradações de cor entre as personagens. À esquerda, a avó negra, ergue as mãos aos céus, num gesto de agradecimento pelo nascimento do neto branco; ao centro, a mãe, “mulata”, que carrega um bebê branco no colo; à direita, o presumido pai da criança, também branco. A partir da pintura, percebe-se nitidamente o teor do anseio pelo branqueamento no Brasil (LACERDA, 2011).

Figura 1: A redenção de Cam (Modesto Brocos, 1895).



Fonte: Rio de Janeiro (Museu Nacional de Belas Artes), divulgação MNBA.

Em contraponto ao embranquecimento, movimentos que lutam por ideais mais igualitários são de extrema importância para a autoestima da comunidade afrodescendente no Brasil. Esses movimentos vêm dando voz a “comunidade negra” que há muitos anos vem sendo calada, fazendo com que a estética de sua cultura seja valorizada e respeitada (DOMINGUÊS, 2007).

2.4 Movimento Afropunk

O movimento *punk*, surgiu com o propósito, de defender ideias mais igualitárias e de combater o sistema tradicional, sendo um passo importantíssimo para a quebra de padrões nos anos 80. Mesmo assim, esses espaços *punks* eram, predominantemente ocupado por pessoas brancas, não havendo representatividade negra (BIVAR, 1982).

Matthew Morgan criou o documentário “*Afro-Punk*”, mostrando os *punks* negros dos Estados Unidos. O audiovisual, escrito e dirigido por James Spooner e lançado em 2003, ajudou a empoderar jovens negros excluídos no mundo todo e iniciou a evolução do movimento *Afropunk*, que atualmente é formado por jovens multicultural e inovadores (AFROPUNK, 2017).

O movimento começou a ser mais reconhecido por conta do Festival *Afropunk*, que acontece desde de 2005, juntando cada vez mais jovens e artistas negros. Os seus estilos são inspirados, primeiramente, na ancestralidade africana, como as cores, padronagens e modelagens, com elementos mais atuais e excêntricos. Os cabelos coloridos são muito vistos entre os grupos, além dos *black powers*, *dreads* e tranças, como mostra a Figura 2 (AFROPUNK, 2017).

Figura 2- Exemplos do estilo Afropunk.



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/>, 2019.

O estilo *Afropunk* de se vestir, também amplificou-se para além dos grupos onde se originou, ganhando reconhecimento, não apenas nas ruas e internet, mas também no mundo da Moda. O estilo chegou também às passarelas, em que foi responsável por inspirar a coleção *ready-to-wear* da Primavera/17 do Marc Jacobs, como apresentado na Figura 3 (VOGUE, 2017).

Figura 3- Desfile de Primavera/17 *ready-to-wear* do Marc Jacobs.



Fonte: Vogue. Disponível em: <https://www.vogue.com/>, 2017.

Os movimentos de empoderamento estético negro, se tornam de extrema relevância para a construção das diversas identidades negras, os jovens têm o poder se reconectar com o próprio corpo, questionando padrões e assumindo escolhas ousadas, afrontando o mundo. Este movimento jovem é de extrema importância, já que o racismo estrutural atribuí lugar de inferioridade ao negro, é devido à isso que esses jovens trazem representatividade (AFROPUNK, 2017).

2.5 Empoderamento negro feminino

O termo empoderamento tem origem na palavra norte-americana *empowerment*, que na língua brasileira significa “dar poder” a alguém. Fazendo uma varredura à diversas fontes, percebe-se que ao empoderamento são atribuídos diversos sentidos e, na maioria das vezes, associado ao termo em inglês (DAVIS, 2016).

O uso do termo empoderamento ganha visibilidade nos movimentos de lutas emancipatórios surgidos nos anos de 1960, nos Estados Unidos. O mais conhecido entre os movimentos é o Partido Panteras Negras, fundado em 1966, na cidade de Oakland, Califórnia. Segundo Chaves (2015), na visão dos estudos afro-americanos, o partido estava ligado a um projeto de busca do orgulho as características negroides.

O empoderamento em seu conceito mais amplo está relacionado a ações coletivas sociais que propõem-se estimular ao pensamento de um indivíduo social e consciente sobre seus direitos. Essa compreensão proporciona o alcance da autonomia individual e também da coletividade indispensável para a superação da submissão social e poder político (RIBEIRO, 2016).

Para o feminismo negro, o empoderamento possui um significado coletivo, trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos de mudança. O empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva anti-racista, anti-elitista e anti-sexista por meio de mudanças das instituições sociais e consciência individuais. Para Hooks (1981) é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano, em nossas experiências habituais, no sentido de reivindicar o direito à humanidade.

2.5.1 O cabelo como elemento de resistência da mulher negra

Segundo King (2015, p. 8) "os cabelos são considerados em diversas culturas como elementos marcantes da construção da beleza feminina", revelando traços e características de cada indivíduo. Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo tem o poder de trazer informações sobre as origens, pertencimento a grupos sociais de uma pessoa (KING, 2015).

A importância simbólica do cabelo teve um papel muito relevante em diversos momentos históricos, um deles ocorreu na década de 1960, e como uma arma de resistência durante movimento Black Power (LIMA, 2017), conhecido pelo uso dos cabelos “naturais”, sem intervenção química. Os anos 1960, 1970, e 1980 traziam para os negros, um marco importante, pois a partir deste momento se fortalecem as lutas por meio de movimentos e reafirmação de identidades. A estética Afro se tornou muito popular, e nos anos 70 principalmente nos Estados Unidos surgiram movimentos como o, “*Black is beautiful*”, afirmando que ser negro era lindo, privilegiando as raízes afro, e a cultura caribenha (BRAGA, 2004).

Fundações importantes na história, que lutaram pelo direito dos negros, sempre existiram. Estas se mobilizaram com a intenção de lutar pela igualdade racial, a valorização da estética e cultura negra e, contra o preconceito racial. Tem-se como exemplo a Frente Negra Brasileira, União dos Homens de Cor, o Teatro Experimental do Negro, Movimento Negro Contra a Discriminação Racial, Articulação de Mulheres Negras (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010).

O empoderamento negro também é um reflexo de como as gerações de mulheres, cada dia mais, têm consciência de que também possuem beleza. O empoderamento, segundo o feminismo negro, tem um significado coletivo ou trata da mulher negra ser empoderada sobre si e as outras, colocando a mulher negra como sujeito ativo de mudança (RIBEIRO, 2016).

Uma das formas de se empoderar, ter orgulho das heranças ancestrais é o uso do cabelo crespo cacheado, sendo um dos mecanismos próprios de combate ao racismo e ao preconceito, implicando questões de empoderamento, liberdade e ativismo (COUTINHO, 2010).

2.5.2 Do “cabelo ruim” ao empoderamento do crespo

Ainda permanece na sociedade, atribuição dos cabelos taxados como “bom” ou “ruim”, como aponta a pesquisa feita por Quintão (2013). O relativo estudo expõe aquilo que foi socialmente estruturado pela sociedade ao longo do tempo, em que o “cabelo bom” seria os com textura de cabelo de pessoas brancas, que na maioria são lisos, e o “cabelo ruim” classificado ao cabelo de pessoas negras, com textura crespa encaracolada.

Assim, para fugir dos rótulos de pessoa de “cabelo ruim”, feio e que não penteia, homens e mulheres negras procuram se render aos produtos químicos, buscando um resultado mais liso ou mais “natural”, com menos volume, mais alinhado e domáveis. Adequando-se assim, à padrões de beleza que são reproduzidos em salões de beleza e indústria cosmética, os quais oferecem diferentes produtos objetivando esses resultados (GUIMARÃES, 2004).

Gomes (2003), ressalta que para algumas mulheres negras a relação de assumir seus cabelos naturais seja a busca por reduzir os danos causados pela química, sem nenhuma relação à afirmação da negritude. Já para Mattos (2015), mesmo aqueles que optam por assumir seus cabelos crespos ou cacheados, ainda que não se trate de um processo de caráter identitário, influenciam a sociedade para que passem a perceber a mulher negra com outros olhares.

Desconstruir padrões em que a sociedade define cabelo crespo cacheado como “ruim” vem sendo uma tarefa longa e difícil, mas, assumir o cabelo crespo é uma questão de beleza, saúde e identidade, é ter orgulho da sua ancestralidade, é lutar contra estereótipos, é

empoderar-se. Desse modo, o movimento de mulheres negras pelo empoderamento do cabelo crespo surge na contemporaneidade (INOCÊNCIO, 2006).

A trança é um penteado que acompanha os negros desde a infância. Pode ser considerado um “ritual”, na quais as crianças são agrupadas e as mães trançam seus cabelos. É um ato passado de geração a geração, constituído de técnicas próprias, as tranças conquistam seu espaço, devido à estilização delas por meio das cores e adornos, como as tranças *box braids* (caixa de tranças) (GOMES, 2003), conforme a Figura 4.

Figura 4- Raquel Vieira, mulher negra, com tranças *Box Braids*.



Fonte: Fotografia de Amanda Talawitz.

A formação dessa estética negra resgata a cultura desse povo, e auxilia sua aceitação na sociedade valorizando seus traços, e não mais como cidadãos que se utilizam de padrões europeus para ganhar espaço (COUTINHO, 2010).

2.6 A Construção Simbólica por meio das cores

Ao considerarmos a cor como uma forma de linguagem capaz de comunicar e transmitir informações, cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que são percebidas. A cor num traje será avaliada de modo diferente do que a cor num ambiente, num alimento, ou na arte (HELLER, 2012).

Para Goossens (2005) beleza é um conjunto em harmonia, e antes de tudo, é um estado de espírito. E para que a beleza seja alcançada plenamente, depende do jeito de ser, de cada indivíduo encarar a vida. Ser bonito significa saber ressaltar as suas qualidades, se aceitar e ter autoestima.

As mulheres negras, de maneira geralmente tem sua beleza valorizada com cores vibrantes, que contrastam com sua pele, como o vermelho, os marrons quentes, como a terracota e o bronze, tons rosados quentes, como o coral e o salmão e todas as variedades de tons luminosos e quentes, como o amarelo, laranja e o vermelho (GUIMARÃES, 2004).

O vermelho é bastante utilizado em vários signos e símbolos sociais como forma de alerta, como as placas de trânsito, por exemplo. Em contraponto, em relação à Moda, o vermelho continua sendo bastante utilizado, ganhando símbolos como a confiança, sensualidade e *status*. Segundo estatísticas apresentadas por Heller (2012), a cor vermelha é considerada como favorita entre cerca 12% da população, de todos os gêneros. Na África, representa vitalidade e boa sorte, a grande vantagem da cor é que ascende e destaca todos os tipos de pele, principalmente a negra (GUIMARÃES, 2004).

O laranja é outra cor com muita energia e vibração. Têm o poder de incentivar a criatividade, pois o seu uso desperta a mente e auxilia no processo de assimilação de novas ideias, além de ser um tom que remete ao calor do verão, a descontração e diversão. Além disso, essa cor partilha da simbologia do amarelo e do vermelho, isso porque resulta dessa mistura de cores. O laranja é uma cor presente na Moda de verão, especialmente adequado para mulheres de pele escura ou bronzeada. Compreende-se que quem usa o laranja quer se sobressair, sendo uma cor para ousados e originais (HELLER, 2012).

Assim, Farina (1990) ressalta a importância do conhecimento do significado que as cores passam em determinados lugares, para que assim possam se comunicar de forma harmoniosa, possibilitando que a cor se defina e transmita em um processo psicológico.

3 METODOLOGIA

Nesta seção é apresentada a Metodologia da presente pesquisa que, caracteriza-se como qualitativa, realizada a partir do método de entrevistas. Como base para a descrição da metodologia utilizou-se os autores Sampieri, Collado e Lucio (2013) e Marton (1986).

Esta pesquisa teve como propósito compreender os mecanismos de empoderamento feminino, como forma de enfraquecimento do racismo estrutural e valorização da cultura negra. Assim, buscou-se compreender como as mulheres negras são influenciadas por meio da Moda e da estética dos cabelos.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas, com mulheres que são discentes de diferentes cursos, superiores e técnicos, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Erechim, às quais se reconhecem como negras. O contato foi realizado individualmente via e-mail e mensagens em redes sociais, dados estes disponibilizados pela Secretaria de cursos do IFRS – Campus Erechim.

Como resultado do primeiro contato com as entrevistadas, foi possível subdividi-las em cinco grupos, sendo, a quantidade das mulheres contatadas; as que não responderam; as

que não se consideram negras (pardas ou com miscigenação); as que responderam, se consideram negras e foram entrevistadas; e, as que se consideram negras, mas não tiveram disponibilidade para serem entrevistadas. No quadro 1, observa-se o resultado do primeiro contato com as entrevistadas.

Quadro 1- Resultado do primeiro contato com as entrevistadas.

Quantidade de mulheres contatadas	Não responderam	Responderam, não se consideram negras (pardas ou com miscigenação)	Responderam, se consideram negras e foram entrevistadas	Se consideram negras (pardas ou com miscigenação) mas não tiveram disponibilidade para serem entrevistadas
69	48	13	6	2

Fonte: As autoras.

Conforme quadro 1, foram contatadas 69 mulheres, sendo no total entrevistadas 6 discentes, que se autodeclaram negras (pardas ou com miscigenação) e tiveram disponibilidades para colaborar com a pesquisa. As entrevistas foram presenciais, com duração de 10 a 15 minutos cada, elaboradas com 15 perguntas abertas. Apesar de ter um roteiro de perguntas previamente elaborado, a entrevistadora, primeira autora deste artigo, teve a flexibilidade de modificar o curso da conversa, conforme necessidade e interesse (MARTON, 1986). As conversas ocorreram em um período de 3 semanas, entre agosto e outubro de 2019, foram todas gravadas em áudio, e, posteriormente transcritas integral e individualmente, para posterior análise.

4 RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados das entrevistas, distribuídas em quadros, para facilitar a compreensão. Os textos presentes nos quadros correspondem às principais perguntas feitas às entrevistadas, apresentando as respostas consideradas pelas autoras deste artigo, como sendo mais marcantes e importante para este estudo. No quadro 2 são apresentado o perfil das respondentes, com dados sobre idade, naturalidade e cidade onde cada entrevistada reside atualmente.

Quadro 2- Perfis das respondentes da pesquisa.

Idade	Naturalidade	Cidade em que reside atualmente
25	Teresina/PI (Respondente1)	Erechim/RS
18	Caxias do Sul/RS (Respondente 3)	
35	Jacutinga/RS (Respondente 2)	
38	Ivinhema/MS (Respondente 5)	
21	Erechim/RS (Respondente 4)	
24	Camaçari/BA (Respondente 6)	

Fonte: As autoras.

Identificou-se que a faixa etária varia entre 18 e 38 anos e que, a maioria das respondentes vieram de outras regiões do estado e até mesmo do país, e atualmente todas residem na cidade de Erechim/RS. No quadro 3, são apresentados os resultados mais expressivos, sobre se autodeclarar negra, e se as entrevistadas já sofreram algum tipo racismo.

Quadro 3- Resposta das perguntas referente a se reconhecer como negra e racismo.

Você se reconhece como negra?	Você já sofreu algum tipo de racismo?
“Hoje depois de muito tempo me reconheço como negra, percebi que ser negra vai muito além da cor da pele”. (Respondente 4).	“Sim, quando trabalhei como doméstica em uma ‘tradicional casa de família’, de descendência italiana. A dona da casa não me chamava pelo nome e sim, de negra, dizendo que eu era ‘pretinha’ como um macaquinho”. (Respondente 5).
“Não tenho o tom da pele tão escuro, como a maioria das negras, mas eu me considero negra porque me sinto parte dessa etnia”. “Sim, eu me identifico como uma pessoa de cor”. (Respondente 5).	“Sim, já sofri racismo, principalmente na infância, pois sofria <i>bullying</i> por parte das outras crianças. Eles não queriam ser minhas amigas por conta da cor da minha pele”. “Ainda na escola, as outras meninas diziam que a cor da minha pele era sujeira e me chamavam de macaca”. (Respondente 4).

Fonte: As autoras.

A partir das respostas o quadro 3, identificou-se que as entrevistadas se reconhecem como negras, não somente pela cor da pele, mas em relação ao significado de ser negra. Também, observou-se que todas as entrevistadas já sofreram algum tipo de racismo, em diferentes fases da vida e advindo de diversos indivíduos. No quadro 4, são apresentados os resultados em relação às questões sobre influência negra e empoderamento.

Quadro 4- Influência negra e empoderamento.

A cultura afro influencia na sua estética?	Percebeu mais representatividade negra na mídia atualmente?
<p>“Sim, primeiramente a aceitação dos cabelos, eu acho que o cabelo natural é nossa identidade, não tem nenhuma outra raça que tenha o cabelo como o nosso”. (Respondente 1).</p> <p>“Não [...], falta mais representatividade e falta eu me identificar realmente como eu sou”. (Respondente 5).</p>	<p>“Sim, principalmente na televisão, em filmes e nas redes sociais”. (Respondente 3).</p>
Você se sente empoderada?	Como você demonstrar a sua autoestima?
<p>“Sim, hoje eu sei que minha capacidade não depende da minha cor de pele, nem do meu cabelo, raça ou descendência”. (Respondente 4).</p> <p>“Não me sinto, eu acho que o empoderamento é todo um contexto, você estar feliz <i>com toda a sua aparência (seu peso, por exemplo)</i>, tem que passar por amor próprio [...], a imagem <i>refletida</i> no espelho tem que estar te dando prazer em ver, neste momento <i>por diversas questões</i> não me sinto empoderada”. (Respondente 5).</p>	<p>“Eu tento demonstrar a partir da Moda, do meu cabelo e da maquiagem”. (Respondente 3).</p> <p>“A partir do cabelo, com certeza. Eu costumo dizer que o cabelo é a moldura do rosto”. (Respondente 4).</p>

Fonte: As autoras.

A partir do quadro 4, é possível identificar que a grande maioria das entrevistadas utiliza elementos da cultura afro no seu visual e se sente empoderada por esse motivo. É significativo o resultado de que as entrevistas citam o cabelo natural e a roupa como elementos para refletir a autoestima e empoderamento da mulher negra. No quadro 5, são apresentados os trechos das respostas relacionadas à relação entre o uso dos cabelos ao natural e a autoestima.

Quadro 5- Relação entre os cabelos naturais e a autoestima.

Você alisa o cabelo?	O uso do seu cabelo ao natural fez com que você tivesse mais autoestima?	O que te levou a assumir os cabelos naturais?
<p>“Sim eu aliso, eu me sinto bonita mesmo com o cabelo alisado, acredito que ele realça os meus traços e a minha fisionomia”. (Respondente 4).</p> <p>“Já alisei, mas hoje não aliso mais”. (Respondente 6).</p>	<p>“Ajudou bastante na minha autoestima e me fez perceber que não precisa de tantas intervenções para se sentir bem e bonita. Então ter o meu cabelo natural e gostar dele assim foi muito importante”. (Respondente 6).</p> <p>“Quando eu era mais nova eu não aceitava meu cabelo de forma nenhuma [...], as pessoas mais jovens sempre achavam meu cabelo bonito, elogiavam com carinho”. (Respondente 1).</p>	<p>“Principalmente a influência das redes sociais, acompanho bastante blogueiras negras”. (Respondente 3).</p> <p>“Quando eu vi na televisão <i>mais representatividade</i> de mulheres negras com seus cabelos cacheados foi aí que pensei: está na hora de assumir os meus também”. (Respondente 1).</p>

Fonte: As autoras.

Conforme os resultados apresentados no Quadro 5, compreende-se como as discentes entrevistadas gostam do seu cabelo crespo ou cacheado, sendo que, mesmo aquelas que alisam não se sentem menos negras ou com baixa autoestima por conta disso. Também, observa-se que o uso dos cabelos naturais influencia diretamente na autoestima das mulheres negras entrevistadas. No quadro 6 é apresentado como as cores influenciam na estética das mulheres entrevistadas.

Quadro 6: A relação entre a personalidade e as cores.

Quais cores você mais costuma utilizar nas suas roupas?	Com qual dessas cores você se identifica?
<p>“Eu gosto muito de utilizar o vermelho, na maquiagem e acessórios”. (Respondente 5).</p> <p>“Gosto de utilizar o colorido como laranja, vermelho e principalmente em acessórios, como o turbante”. (Respondente 6).</p>	<p>“Uma mistura de cores fortes e neutras”. (Respondente 1).</p> <p>“Eu gosto muito do colorido, nunca tinha percebido isso, eu amo o colorido”. (Respondente 2).</p>

Fonte: As autoras.

A partir do Quadro 6, observou-se que as entrevistadas se identificam com cores vibrantes, especialmente o vermelho e o laranja. Percebe-se que a preferência por essas cores tem poder de empoderar as mulheres, pois, de acordo com Guimarães(2004) as cores vibrantes destacam o tom de pele negra.

Também, foram realizadas perguntas sobre o conhecimento das entrevistadas em relação ao movimento *Afropunk*. Como resultado obteve-se que todas as discentes entrevistadas desconheciam o movimento *Afropunk*, pelo fato de ser algo muito recente e pouco tratado no Brasil.

Percebe-se então, que todas as entrevistadas sofreram algum tipo de racismo, seja na adolescência ou na fase adulta, por conta da cor da pele e por seus cabelos. Percebe-se, a partir das respostas, que os cabelos continuam sendo uma forma pejorativa para diminuir e discriminar a beleza negra, devido a isso considera-se tão importantes relatos de mulheres negras empoderadas por serem negras e utilizar a Moda como aliada à essa transformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou e investigou o cenário das discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Erechim, que se reconhecem como negras. Percebeu-se como essas mulheres enfrentam o racismo por meio da valorização da estética negra.

Desde os primórdios, o cabelo é símbolo de força e beleza, e hoje em dia não é diferente sendo considerado um adorno muito valorizado na construção da imagem feminina (MILTON, 2005). A cor da pele juntamente com o cabelo crespo ou cacheado, é um dos formadores da identidade negra, sendo constantemente alvo de “desagrado” pela sociedade, em que os padrões de beleza são de traços brancos e europeus (DEVULSKY, 2018).

Para as entrevistadas que se reconhecem como negras, a importância do cabelo crespo na construção de identidade é marcada por aceitação social, ou seja, mesmo sofrendo racismo devido a estética de seus cabelos, já estão realizando autodefesa ao se assumirem mulheres negra com suas heranças ancestrais. Lipovetsky defende as ideias que a Moda é um dos motores essenciais que regem a sociedade, sendo assim, a sociedade não seria a mesma sem ela.

Portanto, observou-se, durante a análise das entrevistas, a importância dos cabelos naturais e de elementos de Moda para a construção do empoderamento das discentes entrevistadas. Três das entrevistadas citaram como as cores vibrantes realçam a pele negra e tem o poder de transmitir diferentes informações referentes à imagem pessoal. Algumas discentes utilizam elementos como turbantes, acessórios grandes e demais adornos que lembram a cultura afro-brasileira, com referências à ancestralidade africana. Devido a

isso, compreende-se que ser negra é ser mulher com todas as suas contradições, mas nunca perder o rumo da sua história e da sua identidade. Assim, afirma Ribeiro (2016), explicitando que a mulher negra é sujeito ativo das mudanças da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Monica. **Conceito de beleza**. 2011. Disponível em: <shorturl.at/dopCP>. Acesso em 25 out. 2019.

AFROPUNK FESTIVAL. 2017. Disponível em: <http://afropunkfest.com/> Acesso em: 27 out. 2019.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRAGA, João. **História da Moda: uma narrativa**. 4. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010**, Brasília, 2012.

CASTAÑEDA, L. A. **Eugenia e casamento**. História, Ciências e Saúde, Manguinhos – RJ, v. 10, n. 3, p. 901-930, 2003.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O partido dos Panteras Negras**. Revista Topoi, Rio de Janeiro, v. 16, n.30, p. 359-364, Jan./Jun. 2015.

COUTINHO, C. L. R. **A Estética dos Cabelos Crespos em Salvador**. 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - Campus V, Programa de Pós-Graduação em História Regional. Santo Antônio de Jesus, 2016.

DEVULSKY, Alessandra. **Estado, racismo e materialismo**. Margem esquerda, São Paulo: Boitempo, 2018.

DJOKIC, Aline. **Colorismo: O que é, como funciona**. Blogueiras Negras, 2015. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>. Acesso em: 15 out. 2019.

DOMINGUÊS, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo. Rio de Janeiro. Vol.12, 2007.

DOS SANTOS, Ricardo Augusto. **'Branqueamento' do Brasil**: São Paulo: Unesp 2005.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4. ed. São Paulo: E. Blucher, 1990.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. PRADO, Adonia Antunes. JUNIOR, Horácio Antunes de AFROPUNK, 2001. **The Movement**. Disponível em: <https://goo.gl/XiHDhW>. Acesso em 28 set. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2003.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação:** a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

HARRIS, Trudier. **"Pigmentocracy."** Freedom's Story, TeacherServe©. National Humanities Center. DATE YOU ACESSEDESSAY 2008. Disponível em: <<http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/freedom/1865-1917/essays/pigmentocracy.htm>>. Acesso em 11 out de 2019.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia. **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça:** modulo II. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores:** Como as cores afetam a emoção e a razão. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

HOOKS, bell. **Ain't I a woman.** Boston: South End Press, 1981.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Corpo negro na cultura visual brasileira.** Educação Africanidades Brasil. v.1, Brasília: CEAD, 2006. Disponível em: <encurtador.com.br/hivBU>. Acesso em: 20 de out. 2019.

KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças.** Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <encurtador.com.br/kpJO2>. Acesso em: 5 out. 2019.

LACERDA, João Baptista de. **Sur le métis au Brésil.** In: *Premier Congrès Universel des Races*: 26-29 juillet 1911. Paris: Devouge. [2011(1911)].

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Todos os negros são africanos?** O Pan-Africanismo e suas ressonâncias no Brasil contemporâneo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_com_pletoANPUHivaldo2011 [1]>.pdf Acesso em: 15 out. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARTON, Ference. Phenomenography – A research approach to investigating different understandings of reality. **Journal of Thought.** Vol. 21, No. 3, p. 28-49, 1986.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo.** Pontos de Interrogação, Bahia, vol. 5, n. 2, p. 37-53, jul.- dez., 2015. Disponível em: <shorturl.at/cmCIP>. Acesso em: 18 set. 2019.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser Escravo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MILTON, A.L. **História da recepção da Bíblia:** novos enfoques na pesquisa britânica. Oráculo. São Bernardo do Campo, 2005.

O GLOBO. **Conheça a tela 'A redenção de Cam', de 1895, destaque em mostra no MNBA.** Disponível em: <encurtador.com.br/bnvX7>. Acesso em: 11 out. 2019.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente.** 6. ed. Rio de Janeiro: L. Christiano, 1995.

PINTEREST. 2019. Disponível em < <https://br.pinterest.com/>, 2019>. Acesso em: 2 out. 2019.

PETRUCCELLI, José Luís. **A cor denominada:** estudos sobre a classificação étnico racial. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil.** 21 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

QUINTÃO, Adriana. **O Que ela tem na cabeça?:** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2013.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**, trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **O que é lugar de fala?** Minas Gerais: Letramento, 2017.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Marcio André dos. **Negritudes Posicionadas:** as muitas formas da identidade negra no Brasil. Revista Perspectiva Sociológica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p.70-80, abr. 2005.

UNEGRO. **Estatuto da União de Negros pela Igualdade – Unegro-Secção Minas Gerais,** 2014.

VIDAL, Julia. **O AFRICANO que existe em nós, brasileiros:** Moda e Design Afro-brasileiros. Babilônia Cultura Editorial: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.